

# “Acho chique aparecer no jornal”: reflexões sobre pesquisa documental realizada no circuito Drag *on/offline* de Santa Maria Sul do Brasil<sup>1</sup>

Rafaela Oliveira Borges - UFSM<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Pesquisa Documental; Etnografia; Drag;

## Introdução

Rodeada por morros e no centro do estado do Rio Grande do Sul, Santa Maria é conhecida como “Santa Maria da Boca do Monte” e “Coração do Rio Grande do Sul”. Com aproximadamente 280 mil habitantes é considerada uma cidade de médio porte, a maior cidade da região central e a quinta maior do estado. Em 1960 com a implantação da Universidade Federal de Santa Maria passa a ser conhecida também como “Cidade Universitária” e “Cidade Cultura”. Com importante movimento histórico de ativismo LGBTQIA+ Santa Maria possui atualmente o Coletivo Voe fundado em 2011. Entre os anos de 2016 e 2017, a cidade contou com o Manifesta Coletivo formado por Drags locais. Desde 2015 é desenvolvida a Muamba, festa popular do carnaval de rua, que traz como tema o combate ao “machismo, racismo, LGBTfobia e a intolerância religiosa”. Ocorrendo anualmente duas paradas de orgulho LGBTQIA+ na cidade; sendo elas a Parada LGBT Alternativa organizada pelo Coletivo Voe e a Parada da Região Centro organizada pela prefeitura local em parceria com a ONG Igualdade.

Na cidade de Santa Maria desenvolvo este trabalho etnográfico nos moldes de uma “ciência interpretativa” (GEERTZ, 2008, p. 4), para descrever e interpretar contextualmente as práticas em torno das corporalidades, identificações e sociabilidades Drag na cena e circuito *on-offline* constituído. No início do ano de 2017, busquei adentrar em outros modos de vida, para tanto “estando lá” (GEERTZ, 2005, p. 15) como etnógrafa no campo de pesquisa. Ao encontro dos “fatos etnográficos” (PEIRANO, 2014, p. 380) percorri festas Drag e eventos relacionados ao movimento LGBTQIA+ da cidade e região, como paradas de orgulho e concurso de misses.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup>Doutoranda em Ciências Sociais pelo PPGCSociais da Universidade Federal de Santa Maria RS/Brasil. O presente trabalho é realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Também estive em outros espaços frequentados pelas Drags, como festas de *techno music* e de escola de samba. Em 2018, entrevistei cinco Drags; passando a abranger neste mesmo ano um contexto *on-offline* na pesquisa, observando *online* os usos que as Drags fazem das mídias digitais na prática. E em meados de 2019, observei repetidas vezes à produção de “montagens”<sup>3</sup> e vídeos para o Youtube na residência de uma interlocutora. Atualmente as interações com as Drags interlocutoras seguem sendo possíveis quando conectadas em rede, em decorrência da pandemia mundial difundida pela Covid-19.

Mas antes de adentrar nos espaços urbanos e ambientes digitais do campo, passei a desenvolver pesquisa documental com o intuito de contextualizar a cena Drag “TupiniQueen”<sup>4</sup>, ou seja, as artistas nacionais com nomes recorrentes nos documentos analisados, bem como observar possíveis aproximações e/ou distanciamentos da cena Drag santa-mariense. Partindo de documentários, matérias e reportagens de jornais, revistas, blogs, sites da internet e postagens das Drags nas plataformas digitais do Facebook, Instagram e Youtube, dei início, muito gradualmente, a uma aproximação com meu campo de pesquisa, alcançando, assim, um “olhar etnográfico” (OLIVEIRA, 1998), para minha posterior entrada em campo.

A referida pesquisa com documentos seguiu sendo realizada ao longo do trabalho etnográfico. Constantemente atualizada, possibilitou o registro dos movimentos passados e presentes da cena Drag santa-mariense<sup>5</sup>. Fazendo parte dos documentos matérias de jornais e revistas locais, documentários locais, dissertações, algumas escritas por Drags santa-marienses, acervos de imagens fotográficas das próprias Drags e diversos conteúdos postados nas plataformas digitais do Facebook, Instagram e Youtube; os documentos e as postagens nas mídias sociais contam suas trajetórias e, igualmente, da cena que constituem.

É importante dizer que o acesso aos documentos se deram na e através da internet, e que foram analisados como artefatos etnográficos (PINK et al., 2016). A internet pode ser compreendida como um “arquivo vivo” (LUPTON, 2015, p. 31), em que os documentos encontram-se digitalizados e disponíveis para a pesquisa através das mídias sociais, plataformas digitais de *streaming* e diversos sites, como os jornalísticos. Nesse sentido, são utilizados “objetos de dados digitais” (LUPTON, 2015, p. 24),

---

<sup>3</sup>Termo nativo que designa montar-se, produzir-se, fabricar-se Drag.

<sup>4</sup>Inspirado no documentário TupiniQueens. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=dH-ScvFTx-Y>> Acesso em: 10 de outubro de 2020.

<sup>5</sup>Abarcando o período compreendido entre os anos de 2010 e 2020.

oriundos dos múltiplos arquivos da/na internet. Cabe dizer que nesta pesquisa documental são analisadas, principalmente, fontes primárias públicas<sup>6</sup> através de um caminho técnico-metodológico, como a análise do contexto histórico de sua produção, padrões de autenticidade e confiabilidade, conceitos chaves extraídos a partir de uma leitura interna, dentre outros. Tal caminho conduz a compreensão do fenômeno em questão, possibilitando o desenvolvimento de interpretações e inferências (CELLARD, 2008, SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2009).

Nesse sentido, discuto neste trabalho a pesquisa documental articulada ao fazer etnográfico desenvolvido. Iniciando a discussão com a apresentação de uma breve contextualização histórica da cena Drag nacional. Ressalto o “transvestismo” (VENCATO, 2003, p. 192) realizado por artistas Transformistas e Drags, enfocando nas características históricas dessas identificações artísticas, bem como os contextos e os espaços, como carnaval, teatro, televisão etc., que permeiam essas experiências. Na sequência destaco a incorporação da pesquisa documental de forma simultânea ao processo de produção deste trabalho etnográfico, no intento de realizar uma narrativa histórica do circuito *on/offline* Drag; evidenciando seus deslocamentos, fluxos e inserções nas paisagens urbanas e, recentemente, nas mídias digitais.

Assim, destaco a pesquisa documental corroborando em aprendizados sobre o universo de significado em torno das identificações Transformista e Drag, bem como em uma narrativa contextual histórica da cena Drag santa-mariense. Além disso, ressalto que ao tratar os documentos digitais como artefatos etnográficos, tornam-se evidentes as agências exercidas pelos documentos e o que elas produzem na prática.

### **Drags “TupiniQueens”: montadas à brasileira**

“Se fosse só bonita, há 30 anos já tinha parado. Duas coisas: se você tem talento e se tem glamour, meu bem, não tem quem derruba. Modéstia à parte, eu digo até com orgulho: eu sou uma velha glamurosa.”<sup>7</sup>  
Miss Biá 1939 -2020

“Montada” é uma expressão êmica advinda também do campo desta pesquisa. As interlocutoras frequentemente usam a expressão “hoje eu vou montada” para

---

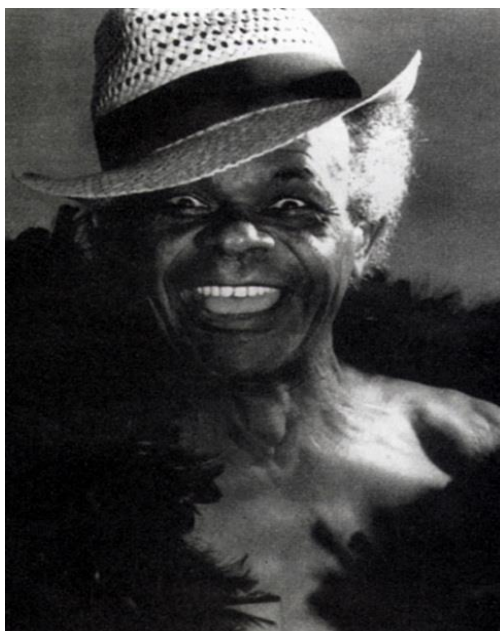
<sup>6</sup>Exceções encontram-se nas dissertações de mestrado, sendo essas fontes secundárias.

<sup>7</sup>Miss Biá, drag queen pioneira no Brasil, morre vítima de Covid-19 em SP aos 80 anos. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/03/miss-bia-drag-queen-pioneira-no-brasil-morre-vitima-de-covid-19-em-sp-aos-80-anos.ghtml>> Acesso em: 10 de outubro de 2020.

referirem-se ao fato de que comparecerão como Drags nos diferentes espaços urbanos e ambientes digitais que circulam pela cidade e pelas plataformas digitais. Drags são personas corporificadas por homens e mulheres que vivenciam a experiência de montar-se Drag para empreender em performances artísticas e/ou na própria diversão. Frequentemente homens montam-se Drag reinventando femininos, mas além de atualmente fazer-se Drag não pressupor identidade de gênero e sexual, são também reinventados masculinos, como no caso dos Drag Kings. E junto às identificações Drag coabitam na linha do tempo histórico identificações como ator Transformista e/ou Travesti designando a ação de homens que se montam para reinventar e performar femininos artisticamente.

Madame Satã foi uma personagem Transformista interpretada por João Francisco dos Santos 1900-1976, a partir da década de 1930. Nordestino que pelas andanças da vida tornou-se morador da Lapa no Rio de Janeiro/RJ fez-se reconhecido como a figura encarnada da boêmia local. Seu reconhecimento artístico, bem como seu batismo como Madame Satã ocorreram no carnaval de 1938, evento em que venceu o concurso carnavalesco de fantasias.

Figura 1: Madame Satã



Fonte: Reprodução do site Universo Retrô.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup>A vida de Madame Satã: o bicha mais macho do Brasil. Disponível em: <<https://universoretro.com.br/a-vida-de-madame-sata-o-bicha-mais-macho-do-brasil/>> Acesso em: 15 de outubro de 2020.

Suas vivências foram permeadas por agenciamentos, principalmente contra a violência policial, frente a sua classe pobre, identidade negra e homossexual, nas palavras de João: “sempre fui e sempre serei”<sup>9</sup> homossexual. Sua história é retratada também no filme *Madame Satã*<sup>10</sup> dirigido por Karim Aïnouz.

Miss Biá também foi uma personagem Transformista que ganhou vida através de Eduardo Albarella 1939-2020, começando sua trajetória artística no ano de 1958. Fechando sessenta e dois anos de carreira na noite paulistana em 2020, trabalhou como “ator transformista”<sup>11</sup> também no período de ditadura militar no país. Em algumas entrevistas Biá narra suas experiências no referido período, em que ela e outras artistas eram perseguidas, necessitando esconder vestígios da “montação” para não serem associadas à prostituição e presas pela polícia.

Figura 2: Miss Biá no show Hebe



Fonte: Reprodução do site Folha de São Paulo.<sup>12</sup>

Em 1970 Biá já se apresentava, para além dos cabarés, nas maiores boates paulistanas, como a Medieval. Trabalhou por anos como maquiadora e figurinista da

---

<sup>9</sup>Grandes entrevistas históricas - Madame Satã. Disponível em:

<<https://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/MadameSata.htm>> Acesso em: 15 de outubro de 2020.

<sup>10</sup>Madame Satã - 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U2oqh0DqCas>> Acesso em: 15 de outubro de 2020.

<sup>11</sup>Conforme identificação utilizada pelo artista.

<sup>12</sup>Disponível em: <<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/22642-nostromondo#foto-360562>> Acesso em: 15 de outubro de 2020.

falecida apresentadora Hebe Camargo. Ainda, na extinta boate NostroMundo<sup>13</sup>, por doze anos, realizou seus shows, e em um deles interpretou Hebe Camargo durante quatro anos. Narra sua trajetória artística no documentário São Paulo em Hi-Fi<sup>14</sup> ao lado das Transformistas Phedra de Cordoba, Mona Lisa, Erika, Susy Wong e Gisele.

Trajetórias de Transformistas cariocas como Rogéria, Camille K., Divina Valéria, Jane Di Castro, Eloína dos Leopardos, Brigitte de Búzios e Marquesa também são retratadas no documentário Divinas Divas<sup>15</sup> produzido por Leandra Leal. Entre 1960 e 1970, no Rio de Janeiro/RJ o Teatro Rival figurou na vanguarda dos shows de Transformistas e Travestis, sendo palco principal na carreira artística das Transformistas citadas. No referido documentário, as artistas também relatam a relação de suas experiências como Transformistas com o contexto de ditadura militar no país, e com diferentes segmentos de suas vidas, como o profissional, familiar e pessoal.

Figura 3: Rogéria “a travesti da família brasileira”<sup>16</sup>



Fonte: Reprodução do site Uol.<sup>17</sup>

<sup>13</sup>NostroMundo, também conhecida como “castelinho da augusta”, foi inaugurada em 1971. É reconhecida como a primeira casa noturna assumidamente LGBTQIA+ de São Paulo/SP. Como Miss Biá, a maioria das Drags TupiniQueens aqui citadas inscrevem essa casa noturna como parte de suas trajetórias artísticas.

<sup>14</sup>São Paulo em Hi-Fi - 2013. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/saopauloemhifi>> Acesso em: 10 de Outubro de 2020.

<sup>15</sup>Divinas Divas - 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HxahJR71wJY>> Acesso em: 15 de outubro de 2020.

<sup>16</sup>Segundo fala de Rogéria no documentário Divinas Divas.

<sup>17</sup>Disponível em: <<http://www.ma10.com.br/2017/09/05/morre-no-rio-de-janeiro-atriz-rogeria/>> Acesso em: 15 de Outubro de 2020.

Ainda, no documentário Rogéria - Senhor Astolfo Barroso Pinto dirigido por Pedro Gui<sup>18</sup>, é narrada a trajetória de Rogéria 1943-2017 com enfoque para a ambiguidade de sua figura, prevalecendo ao longo da trama tencionamento entre suas identificações de gênero; nas palavras da artista a “Rogéria é a cereja do bolo do Astolfo, realmente.”<sup>19</sup>

Vera Verão foi uma personagem Transformista criada e interpretada pelo historiador, ator e bailarino carioca Jorge Luiz de Souza Lima 1952-2003. Também reconhecido pelo nome artístico Jorge Lafond, começou a trabalhar na televisão como bailarino no programa Fantástico, e na sequência como ator em telenovela e nos programas Viva o Gordo, Jô Soares e Os Trapalhões; ainda no programa Domingo Legal foi entrevistador.

Figura 4: Vera Verão



Fonte: Reprodução do site Ideia Fixa.<sup>20</sup>

Mas foi no programa A Praça é Nossa que por dez anos<sup>21</sup> deu vida a Vera Verão com o bordão “Êpa! bicha não!” Com Vera tornou-se reconhecido artisticamente afirmando em entrevista ser “um negro homossexual, pobre, que veio do subúrbio do

---

<sup>18</sup>Rogéria - Senhor Astolfo Barroso Pinto - 2019. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=qJFkWp4AJn0&ab\\_channel=Ingresso.com](https://www.youtube.com/watch?v=qJFkWp4AJn0&ab_channel=Ingresso.com)> Acesso em: 15 de outubro de 2020.

<sup>19</sup>Segundo fala de Rogéria no documentário Rogéria - Senhor Astolfo Barroso Pinto.

<sup>20</sup>Disponível em: <<http://www.ideafixa.com/posts/eeepa-bicha-sim-uma-homenagem-a-jorge-lafond>> Acesso em de Outubro de 2020.

<sup>21</sup>Entre os nos anos 1990 e início dos anos 2000.

Rio de Janeiro, da Vila da Penha, e que hoje, graças a Deus, conseguiu esse estrelato que, pra mim, é uma coisa legal. Consegui realizar todos os objetivos que tinha na vida".<sup>22</sup>

Silvetty Montilla é uma Drag Queen com trinta e três anos de carreira. Em 1987 exonerou-se de cargo no funcionalismo público, passando a trabalhar como bailarina e Drag em boates de São Paulo/SP. Silvetty acumula diversos prêmios recebidos através de suas participações em concursos de Miss na categoria Drag. O artista que dá vida a Silvetty também é ator, humorista, cantor e apresentador, realizando trabalhos na televisão e cinema. Com Silvetty possui o canal no Youtube Academia de Drags, sendo essa uma competição entre Drags criada e apresentada por Silvetty. No canal Silvetty Montilla também no Youtube, há diversos quadros que vão de entrevistas a quadros gastronômicos. Em 2012 Silvetty concorreu ao cargo de vereadora em São Paulo/SP pelo PSOL, sendo a 3º candidata mais votada do partido. E em 2017 foi lançado por Roberto Gamba o livro biográfico Silvetty Montilla 30 Anos: É o que tem pra hoje. Recentemente Silvetty dublou a personagem Vedete Champagne na série de animação da Netflix Super Drags.

Figura 5: Silvetty Montilla



Fonte: Reprodução do site *The Drag Series*.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup>Êpa! Bicha, não! - 15 anos sem Jorge Lafond, a Vera Verão - Disponível em: [https://emails.estadao.com.br/noticias/gente\\_epa-bicha-nao-15-anos-sem-jorge-lafond-a-vera-verao.70002145966](https://emails.estadao.com.br/noticias/gente_epa-bicha-nao-15-anos-sem-jorge-lafond-a-vera-verao.70002145966)> Acesso em: 15 de outubro de 2020.



E inspirando-se na artista trans Marcinha do Corinto, em 1989 a Drag Queen paulistana Márcia Pantera largou o vôlei profissional para dedicar-se ao seu trabalho como Drag, trabalhando em diversas boates paulistanas, como a NostroMondo. Conhecida como a rainha e criadora do “bate cabelo”<sup>24</sup> no Brasil fez disso a marca registrada de suas performances. Em sua descrição no perfil do Instagram afirma ser a “1º Drag Queen no Brasil”. Outra marca registrada de Márcia recai na exaltação da brasilidade e da sua identidade negra, afirmando em sua página no Facebook que “Drag poder ser da cor q quiser”. Márcia também se identifica como uma das primeiras modelos Drag do estilista brasileiro Alexandre Herchcovitch, desfilando em lançamentos de coleções do estilista. Em 2020 completou trinta e um anos de carreira, recentemente realizando turnê pela Alemanha/DE.

Figura 6: Márcia Pantera



Fonte: Reprodução do Instagram de Márcia Pantera.<sup>25</sup>

Salete Campari é uma Drag Queen nordestina radicada na capital paulista, é contemporânea de Silvetty e Márcia. Lecionou matemática por um curto período, dedicando-se a partir de 1990 à sua carreira Drag. Ao interpretar figuras *hollywoodianas*

---

<sup>23</sup>Disponível em: <<https://www.thedragseries.com/posts/silvetty-montilla>> Acesso em: 15 de Outubro de 2020.

<sup>24</sup>Termo nativo que designa o ato de rodar a cabeça fazendo com que os fios sintéticos das perucas girem freneticamente no ar.

<sup>25</sup>Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/B1926BejX\\_d/](https://www.instagram.com/p/B1926BejX_d/)> Acesso em: 15 de outubro de 2020.

como Marilyn Monroe e Carmen Miranda, imprime nas suas “montações” estilo associado às divas, completando em 2020 trinta anos de carreira Drag.

Figura 7: Salete Campari



Fonte: Reprodução do site Jornal dos Famosos.<sup>26</sup>

É reconhecida pelo seu engajamento com o ativismo LGBTQIA+ tendo participado na organização da 1º parada de orgulho GLT de 1997 da capital paulistana; atualmente possui seu trio elétrico na referida parada. Assim como Silvetty, também se candidatou a vereadora para a capital São Paulo/SP e deputada estadual pelo estado de São Paulo. Em 2016 foi lançado o livro biográfico Salete Campari - Uma Drag Queen pela jornalista Angela Oliveira. Salete também apresenta diversos quadros em seu canal do Youtube.

E desde a década de setenta no Rio de Janeiro/RJ Isabelita dos Patins desenvolve seus trabalhos artísticos como Drag Queen. No ano de 1993 ficou conhecida em âmbito nacional ao posar para foto “montada” e de patins ao lado do então candidato a presidência da república, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Em 2013 Isabelita lançou o livro infantil Isabelita - A menina dos patins. Atualmente soma cinquenta anos de carreira e é reconhecida como “patrimônio carioca”, recebendo em 2017 uma exposição em sua homenagem no Museu do Artesanato do estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>26</sup>Disponível em: <<http://www.jornaldosfamosos.com.br/salete-campari-faz-sucesso-no-youtube-com-seu-canal-na-casa-com-salete/>> Acesso em: 15 de Outubro de 2020.

Figura 8: Isabelita dos Patins



Fonte: Reprodução do Instagram de Isabelita dos Patins.<sup>27</sup>

### **É Transformista ou Drag Queen?**

Foi comum encontrar nos documentos analisados tratamentos equivalentes entre Transformistas e Drag Queens. Muitas fontes trazem essas duas identificações como conceitos-chave para nomear as artistas que “se montam”, porém sugerindo um passado Transformista obsoleto frente ao presente Drag. As experiências de Transformistas e Drags podem ser compreendidas “enquanto fenômenos que trabalham com manifestações de transvestismo [...] apropriação de roupas e signos femininos por sujeitos que socialmente se esperava que se apropriassem de signos masculinos, ou vice e versa” (VENCATO, 2003, 192). De fato, esses aspectos em torno do transvestismo atuam como fatores determinantes no tratamento equivalente entre as experiências Transformista e Drag.

Através de pesquisa etnográfica Jayme (2001, 2004) pontua que há diferenças e encontros nas experiências de Transformistas e Drags. Os encontros são evidenciados pela referida autora através da “montagem” dos corpos. Ou seja, são corpos que produzem e reproduzem femininos, afirma. No entanto, baseada em seu trabalho de campo, destaca a diferenciação requisitada pelos sujeitos da pesquisa, descrevendo que:

---

<sup>27</sup>Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CBXA9K0pT54/> > Acesso em: 23 de outubro de 2020.

Para **as transformistas** o tempo define o masculino e feminino. Dizem: eu sou homem de dia e mulher de noite. O corpo é modificado com maquiagem, roupa, espuma para fazer seios e ancas. Diante de uma transformista “montada” não é possível saber se trata-se de homem, mulher, travesti ou transexual. A transformação pretende ocultar inteiramente o masculino. A diferença entre transformistas e **drag-queens** refere-se ao fato de que essas últimas não têm a preocupação das transformistas em “parecer mulher”. A maquiagem é recarregada, a roupa exagerada, com altas plataformas, cabelos coloridos etc. (JAYME, 2004, p. 3).

Estas são definições advindas de um campo de pesquisa específico, e se aproximam daquilo que observo em Santa Maria/RS. Já na análise dos documentários, como o São Paulo em HI FI, e vídeos no Youtube observei Transformistas com estilos escrachados e/ou espalhafatosos, lembrando a exagero com que muitas Drags são caracterizadas. Na televisão brasileira, desde a década de 1980, são frequentes em alguns programas de auditório as competições entre Transformistas e entre Drags; nessas competições há tanto Transformistas com estilos buscando “parecer mulher”, quanto com estilos extravagantes.

No canal SBT o apresentador Silvio Santos começou a apresentar programas com show de calouros/as na década de 1980, contando com performances de Transformistas; em meados do ano de 2019 foi possível acompanhar em seu programa novas edições do concurso de Transformistas; essas se apresentando com estilos “parecer mulher” e Miss.<sup>28</sup> Ainda na década de 1980, o programa O Cassino do Chacrinha - Rede Globo contava também com a Travesti e Transformista Rogéria na mesa de juradas/os. Entre as décadas de 1970 e 1990, no Clube do Bolinha - Rede Bandeirantes a competição Eles & Elas<sup>29</sup> trazia Transformistas e Drags dublando músicas, e com diferentes estilos de “montação” e performance.

Para a interlocutora Isabelly Popovick “a transformista busca parecer-se com uma mulher, ser Drag passa pelo feminino, mas não com o intuito de parecer uma mulher; é mais exagerado e artístico”, afirma. Isabelly começou a se montar como Transformista, mas com o aumento de Drags se montando em Santa Maria/RS em meados de 2015, passou a se identificar também como Drag Queen, ressaltando essas duas identificações como pertencentes a sua trajetória artística, afirmando ainda que elas

---

<sup>28</sup>Transformistas – Completo - Programa Silvio Santos. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=X9LkoTT-cug&t=4s&ab\\_channel=ProgramaSilvioSantos](https://www.youtube.com/watch?v=X9LkoTT-cug&t=4s&ab_channel=ProgramaSilvioSantos)> Acesso em: 10 de Outubro de 2020.

<sup>29</sup>Clube do Bolinha - Competição de Calouros - Eles & Elas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qSD-hRe6Dbk>> Acesso em: 10 de Outubro de 2020.

variam de acordo com as “montações” e performances que busca criar, as experiências que deseja viver e os espaços que pretende ocupar.

“Comecei transformista” foi enfatizado pela referida interlocutora com orgulho e distinção de outras Drags da sua geração e de gerações mais novas, apreciadoras do estilo norte-americano de performances e “montações” “*made in RuPaul*”<sup>30</sup>. Para ela as Transformistas citadas anteriormente são grandes referências, e essas inspirações materializam-se na sua Drag em termos de trajetória de identificação, estilo de “montação”, e preferência por performances que se associam ao carnaval e diversas outras brasilidades. Afirmações como essa aproximam a cena Drag santa-mariense de um contexto histórico associado ao transvestismo no Brasil.

Baseada na análise documental ressalto que os fenômenos associados ao transvestismo no país encontram nas performances de Transformistas e Travestis suas precursoras. A identificação como ator Transformista e/ou Travesti fora originada e popularmente utilizada no contexto brasileiro; segundo Miss Biá: “Não era drag. Era um ator transformista. Eu nunca fui drag. Não sou drag [...] Eu me considero um ator transformista”<sup>31</sup>. Já a identificação Drag é originária de contexto inglês e norte-americano, nesse último observável no documentário *Paris is Burning*<sup>32</sup>, e torna-se popularmente adotada no Brasil a partir do fim da década de 1980, como ressalta Márcia Pantera: “1º Drag Queen do Brasil”. De fato, Márcia, Silvetty, Salete e Isabelita são Drags precursoras no eixo RIO/SP; eixo privilegiado e recorrente nas fontes analisadas.

Nesse sentido, minha questão não recai sobre as Transformistas e Drags serem e/ou fazerem a mesma coisa, até porque, como assinalado anteriormente, conforme cada contexto essas experiências podem ou não se encontrarem em termos de corporalidades fabricadas e estilos baseados em signos de gênero performados. A questão principal que busco assinalar reside nas identificações assumidas pelas artistas, e toda a bagagem de significado pessoal e histórico que o ato de identificar-se acarreta. Ao compreender as referidas identificações como coexistentes e contingentes através das experiências individuais de cada artista, afirmo que não estão obsoletas e extintas, mas que, pelo contrário, fazem parte de um contexto maior sobre montar-se à brasileira.

---

<sup>30</sup>Referindo-se ao *reality show RuPaul's Drag Race*.

<sup>31</sup>Tudo sobre eles. A vida de homens gays num planeta chamado São Paulo. Disponível em: < <https://tseles.wordpress.com/2016/11/14/miss-bia-entrevista/>> Acesso em: 23 de outubro de 2020.

<sup>32</sup>Paris is Burning – 1990. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=96vowNmQ5wY&ab\\_channel=GAYBLOGBRbySCRUFF](https://www.youtube.com/watch?v=96vowNmQ5wY&ab_channel=GAYBLOGBRbySCRUFF)> Acesso em: 10 de Outubro de 2020

### **Conhecendo o babado<sup>33</sup> santa-mariense**

Há um grupo de Drags santa-marienses que participam dos concursos de Miss Drag, como o extinto concurso Miss Drag Queen RS e o atual concurso Miss Drag Race Star RS; sendo esses concursos sediados na cidade vizinha de Rosário do Sul/RS. Thaylla Fênix foi Miss Drag Queen RS em 2014; Felicia Finamour e Lili Safra também venceram edições do concurso, Felicia em 2016 e Lili em 2013 e 2017. Sobre as interlocutoras desta pesquisa, Isabelly Popovick foi Miss Simpatia Drag RS em 2015; Magenta Cianureto e Micka Valga também participaram do concurso em 2016 e 2017, bem como Eros Ariel em 2016. Para as interlocutoras os concursos são importantes para as sociabilidades entre Drags, o reconhecimento de seus trabalhos, e pessoalmente também encorajam novos desafios. Após participar do Miss Drag Queen RS Eros Ariel integrou a seleção para apresentadoras do programa de televisão Drag Me as A Queen em São Paulo/SP, no ano de 2017. Eros foi selecionada entre cem inscritas para a segunda etapa do concurso junto de quinze Drag Queens do Brasil todo, ressaltando que essa experiência “foi surreal, lá estava Márcia Pantera”.

Através da pesquisa documental tive conhecimento da existência dos referidos concursos, e no decorrer das entrevistas com as interlocutoras foram narradas à importância destes concursos em suas trajetórias pessoais, bem como da própria cena Drag da cidade, que em seus fluxos estava interseccionando-se a outros circuitos LGBTQIA+ fora da cidade de Santa Maria/RS. Participei do concurso Miss Drag Race como “acompanhante” de uma interlocutora, presenciando também a vitória de outra interlocutora como Miss Drag Race Star 2019. Assim, além de realizar a observação participante abrangendo a preparação, meses a fio, das Drags interlocutoras para o concurso e do concurso em si, acompanhei a cobertura jornalística sobre a vitória da Drag santa-mariense no concurso, pois esses documentos também registram historicamente os movimentos da cena Drag local. Para Leona Brilha foi “chique aparecer no jornal”, e foi também vencer em termos de reconhecimento profissional sobre a arte Drag, em suas palavras:

Nesse último sábado, dia 23.11, eu realizei um sonho. Depois de noites em claro bordando esse body, elaborando performance (que foi de tomar cacsc), estudando perguntas, penteando peruca, sonhando com desfile, conquistei a coroa e o Título

---

<sup>33</sup>Refere-se à montagem, acontecimentos, novidade, variando conforme o contexto empregado.

de Miss Drag Race Star RS 2019 em novo concurso na cidade de Rosário do Sul [...] Mas o título não foi a única coisa que conquistei, com certeza absoluta posso dizer que a maior conquista foi passar esse fim de semana ao lado de artistas incríveis que deram o seu melhor de forma única; o aprendizado que essa vivência proporciona é imensurável. Essa coroa não é só sobre mim, mas também sobre reunir dezenas de pessoas em um evento no interior do estado para mostrar que a arte drag existe e é reconhecida como uma ferramenta de reflexão e impacto social. DRAG NÃO É BAGUNÇA! [...] (BRILHA, Leona, *online*, 2019)<sup>34</sup>

Figura 9: Leona Brilha Miss Drag Race Star 2019



Fonte: Reprodução do Instagram de Leona Brilha.<sup>35</sup>

Houve anualmente em Santa Maria/RS o Jantar da diversidade; contabilizando 11º edição em 2018, elegia a corte da diversidade da cidade, sendo Isabelly Popovick eleita a Miss Diversidade em 2017 e Drag Queen Região Centro em 2018. No jantar eram coroadas/os Miss e Mister Diversidade, Miss Trans Diversidade e Musa da

<sup>34</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/B5TiL4LjI7/> > Acesso em: 26 de outubro de 2020.

<sup>35</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/stories/highlights/17846781385854988/?hl=pt-br> > Acesso em: 25 de outubro de 2020.

Diversidade. Essa corte representava a cidade de Santa Maria/RS no concurso estadual de Miss e Mister Diversidade - RS que ocorre anualmente na cidade de Cruz Alta/RS. Assim como no concurso de Miss Drag, tive conhecimento do Jantar da Diversidade através dos jornais, realizando a observação participante na edição de 2017. Também através dos jornais e revistas soube de defesas de dissertação com autoria de Drags locais, sendo essas fontes importantes em termos de trocas de perspectivas teóricas sobre a experiência Drag enquanto potência pedagógica (BRASIL, 2017), e a materialização de narrativas sobre trajetórias Drag em âmbito científico. Sobre essa materialização, há também produções audiovisuais desenvolvidas como trabalhos de conclusão de curso, que também informam sobre trajetórias Drag.<sup>36</sup>

Figura 10: Drag e Mestra Lili Safra



Fonte: Reprodução da revista Lado A.<sup>37</sup>

O Carnaval é também um espaço de performances e sociabilidades Drag, possuindo relevância na trajetória de Drags santa-marienses. Thaylla Fênix, Lili Safra e

<sup>36</sup>DOCUMENTÁRIO KWEENS. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ztO-pN0fS-o&feature=youtu.be&ab\\_channel=MarianaRezer](https://www.youtube.com/watch?v=ztO-pN0fS-o&feature=youtu.be&ab_channel=MarianaRezer)> Acesso em: 26 de outubro de 2020.

<sup>37</sup>Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2017/09/noticias/pesquisador-gaucha-defende-dissertacao-mestrado-sobre-potencial-pedagogico-das-drag/?fbclid=IwAR3N9qnP9lje7xTcN0fWX1g0fwj2vgx7u6eSDLRWTWRjd99RgWtAzIodkHQ>> Acesso em: 23 de outubro de 2020.



Isabelly Popovick são Queens que inscrevem em suas trajetórias o carnaval de rua de Santa Maria/RS e de cidades vizinhas. Isabelly é Rainha da Diversidade da Escola de samba Mocidade Independente das Dores e Thaylla foi Rainha da Diversidade da escola Bambas da Orgia, em 2020, na cidade de Rosário do Sul/RS.

Sobre as festas Drag, ressalto que Felicia, Lili e Thaylla são Drags precursoras de Santa Maria/RS da década de 2010. Além de ingressarem no concurso de Misses, foram idealizadoras da Drag Night. Essa festa aconteceu entre os anos de 2014 e 2015 e faz parte da trajetória das interlocutoras desta pesquisa, pois todas começaram a se montar e frequentar essa festa por ser ela um espaço possível de vivências, sociabilidades e performances Drag. Ainda, Lili e Felicia, conhecidas como as irmãs “The pussye sisters”, realizavam performances em outras festas, como a Ditirambo no Boteco do Rosário, anterior a Drag Night, e a Red Light no Macondo Lugar, anterior a Lypsinc. Quando ingressei no campo da pesquisa três festas Drag aconteciam trimestralmente na cidade, em 2017, sendo elas a festa LipSync sediada na boate Macondo Lugar, a Jakie Patombá recebida nas boates Macondo Lugar e Rockers Soul Food e a Manifesta realizada no Boteco do Rosário e Clube Comercial. As festas Jakie e Manifesta foram concebidas e organizadas por Drags; essas três festas foram extintas, entre o fim de 2017 e início do ano de 2018.

Figura 11: Divulgação da Drag Night

**Noite colorida no Boteco do Rosário**

ADRIELLI WÜLLER - DIVULGAÇÃO: A RAZÃO

Hoje à noite, no Boteco do Rosário, acontece a festa Drag Night, edição A Casa das Sete Drags. Idealizada pelas Drag Queens Felicia, Lili e Thaylla, a festa promete trazer o melhor das performances das artistas e suas convidadas. O agito inicia às 20h e a entrada custa R\$ 10 (antecipado) e R\$ 12 (na hora).

Não é a primeira vez que o grupo se reúne para uma festa animada por Drag Queens. A intenção é acabar com o estigma escachado que as Drag Queens

têm. “Combatemos o preconceito primeiramente por sermos figuras escrachadas na cidade e mostramos que, por mais que sejamos Drag Queens, temos respeito e admiração para com o próximo. Pode não haver aceitação, mas deve haver respeito”, afirma Felicia Finamour, 27 anos, uma das organizadoras da festa.

A festa receberá a presença da Drag Queen iniciante Aimée Gentil, que foi a vencedora do concurso da edição anterior. “Essa é apenas a segunda vez que estou me montando, mas já se tornou algo muito importante na minha vida. Embora cercado de glamour, Drag é um trabalho sério, que envolve muita pesquisa e prática”, analisa o jornalista, de 25 anos, que interpreta Aimée.

**DRAG QUEEN?**

Felicia explica que não há gênero definido no mundo das Drag Queens. “Eu particularmente utilizo a palavra ‘criar’, pois no momento que você está Drag você está criando cons-

tantemente um personagem. Uma Drag Queen pode ser heterossexual, homossexual, bissexual. O que importa não é sexualidade da pessoa, e sim a razão pela qual o está o fazendo. Seja pela arte, pela política ou por divertimento”, explica.

Para Aimée, se montar signi-

fica um ato político. “E aí é que está a transgressão dessa arte: essa quebra de barreiras entre o que é considerado masculino e feminino, o que é ‘coisa de homem’ e ‘coisa de mulher’, que é a base que sustenta uma sociedade machista, misógina e homofóbica”, analisa.

Felicia e Aimée seguem concordando quando falam sobre a festa. Para Aimée, as pessoas tem medo daquilo que elas não conhecem. Se esse medo fosse transformado em curiosidade, as pessoas iam acabar descobrindo como a diversidade é bonita.

Lili Safta, Felicia Finamour e Thaylla Fenix são as idealizadoras da festa que celebra as Drag Queens

Felicia Finamour

Fonte: Reprodução do extinto jornal A Razão.

No início do ano de 2018, quatro Drags que conceberam o projeto Moirai buscando unir “drag, arte, performances e psychedelic”, passaram a levar performances Drag para festas de techno music. Nesse mesmo ano, nos municípios da região noroeste do estado, como Cruz Alta, Frederico Westphalen, Ijuí e Santo Ângelo, Drags de Santa Maria trabalharam com performances e/ou como DJ’s. Assim, em 2018, fiquei sabendo desses novos espaços com performances e sociabilidades Drag através das postagens das artistas nas mídias sociais, observado na sequência Drags adentrando em festas eletrônicas itinerantes e em festas LGBTQIA+ da região; compreendendo tal fato como um movimento de deslocamento frente aos tradicionais espaços de sociabilidades e performances Drag ínfimos nas cidade de Santa Maria/RS; entre o verão e meados de setembro de 2018.

Ainda no ano de 2018, frente aos espaços reduzidos para sociabilidades e performances Drag na cidade, observei *online* a intensificação dos usos das mídias digitais pelas interlocutoras. Em trinta de maio de 2018 Magenta Cianureto estreou seu canal no Youtube<sup>38</sup>. O primeiro vídeo postado traz o título: “Parei de me Montar”. Nesse vídeo Magenta busca responder a repetida pergunta recebida “você parou de se montar”? Explicando que faz Drag por amor, pois “viver de Drag” não é uma realidade em Santa Maria/RS, aqui, referindo-se a falta de cachês e espaços para trabalho. Para Magenta as mídias digitais converteram-se em uma “válvula de escape”, diante daquele contexto, fazendo parcerias com a Drag Queen Leona Brilha também Youtuber.<sup>39</sup>

Para algumas Drags as mídias digitais servem como ambientes *online* para estabelecerem interações e sociabilidades, muitas vezes de forma mais efetiva e duradoura do que nos ambientes festivos. As interações geralmente ocorrem através da divulgação de seus trabalhos, como participação em festas e eventos, as “montações” realizadas, e projetos que desenvolvem, formando, assim, uma rede de sociabilidades que transita entre amizades pessoais, pessoas que se tornam seus públicos, bem como contatos profissionais. Para outras Drags a interação *online* com o público é essencial para que sigam atuando como Drags Youtubers. Divulgam seus trabalhos, porém, mais do que isso, vivem a experiência Drag, muitas vezes, exclusivamente nesses ambientes *online*, buscando a interação *online* para que “continuem existindo”.

---

<sup>38</sup>Magenta Cianureto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC2IA5-C-Hg658tIwS8fRQVw>> Acesso em: 26 de outubro de 2020.

<sup>39</sup>Leona Brilha. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCt0y0W6QnaqV5Gym8DNFfLA>> Acesso em: 26 de outubro de 2020.

Até março de 2020, antes do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, a casa noturna Rockers Soul Food, os bares Blue Bar e Baron Bar, o Clube Comercial e a escola de samba Mocidade Independente das Dores realizavam festas LGBTQIA+. Ocorrendo desde 2019, no Clube Comercial e Blue Bar edições da festa drag Bapho Drag; e no Baron Bar a festa drag Buatchy da Popô, com primeira edição em dezembro de 2019; ambas as festas foram concebidas e organizadas por Drags seguindo a tradição instaurada desde a Drag Night. Estreando, em novembro de 2019, o Miss Drag Race na cidade de Rosário do Sul. Esse novo movimento no circuito Drag santa-mariense tornou-se acompanhado também das experimentações *online* das Drags, configurando, assim, um circuito *on-offline* de práticas Drag.

### **Considerações**

Este trabalho etnográfico articulado a pesquisa documental segue sendo realizado, apresentando aqui considerações parciais. Mas, de momento, destaco a relevância de tratarmos os documentos digitais como artefatos etnográficos, pois são evidentes as agências exercidas pelos documentos e o que elas produzem na prática. Em muitos documentos analisados há uma narrativa anacrônica sobre trajetórias associadas ao transvestismo brasileiro, cristalizando uma realidade de obsolescência artística sobre as performances de Transformistas. No entanto, através da pesquisa etnográfica e documental evidencio não a sua extinção e desuso, mas uma identificação contingente e histórica permeando trajetórias e memórias sobre montar-se à brasileira. Além disso, ao percorrer espaços urbanos e plataformas digitais com performances, experimentações e sociabilidades Drag, desenvolvo mapeamentos desses espaços e ambientes articulando a cena Drag local a um circuito *on-offline* Drag, compreendendo a cena em seu circuito materializado como o resultado das práticas Drag (MAGNANI, 2002). No entanto, ao buscar saber o que antecede os fatos etnográficos observados desde o ano de 2017 na cidade de Santa Maria/RS, empreendo em uma narrativa histórica que também contextualiza os fluxos, deslocamentos e inserções nas paisagens urbanas e, recentemente, nas mídias digitais das Drags locais, compreendendo as práticas Drag da década de 2010 como constituintes do circuito atualmente observado.

## Referências Bibliográficas

BRASIL, Iran Almeida. **Drag queen: uma potência transgressora**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, PPG em Educação, Santa Maria, 2017.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean. et al., A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos, Petrópolis: Vozes, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Drag-Queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001.

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Drag-Queens, Transexuais: identidade, corpo e gênero**. 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel3/JulianaJaime.pdf>> Acesso em: 26 de outubro de 2020.

LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. London: Routledge, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, Vol. 17, n°. 49, pg. 11-29, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Unesp, 1998.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horiz. Antropol.** Vol.20, n°.42, pg. 377-391, 2014.

PINK, Sarah, et al., **Etnografia digital: Principios y práctica**. Madrid: Morata, 2016.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie, ALMEIDA, Cristóvão Domingos de, GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Rio Grande: **RBHCS**, Vol. 1, n°1, pg. 1-15, 2009.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. Campinas, **Cadernos AEL**, Vol. 10, n°. 18-19, pg. 187-215, 2003.